

# ***A JANGADA DE PEDRA COMO PERSONAGEM: DA CONSCIÊNCIA DE SI À CONSTRUÇÃO DE UM MODELO ALTERNATIVO À SOCIEDADE CAPITALISTA<sup>1</sup>***

Ana Cláudia Henriques

*Universidade de Aveiro*

**Resumo:** O presente estudo oferece uma proposta de leitura em que a Península Ibérica seria a metáfora do comportamento da pessoa que, esgotada pela despersonalização do mundo global, se atreve a interferir no que lhe é proposto como definitivo, tornando-se soberana e responsável pelo seu destino. A Ibéria seria uma pessoa multilingüística, de personalidade complexa resultante do contraditório de culturas que a habitam. Sente-se sitiada por forças culturais e ideológicas que ao mesmo tempo que a modelam e constituem, também a asfixiam. Decide atirar-se ao mar em busca de relações pautadas por uma natureza mais ética com quem a rodeia, deixando antever uma crítica à UE, assim como a clareza de que outro caminho, alternativo à desumanidade do capitalismo, é possível.

**Palavras-Chave:** Europa, Identidade, Soberania, União Europeia, Democracia.

**Abstract:** The present study offers a reading proposal in which the Iberian Peninsula would be analyzed as the metaphor of the person who feels exhausted by the depersonalization of the global world. As a consequence, she dares to interfere in what is proposed to her as definitive, becoming sovereign and responsible for her destiny. Iberia would be a multilingual person, with a complex personality resulting from the contradiction of cultures that inhabits her. She feels besieged by cultural and ideological forces that, at the same time that shape and constitute her, also suffocate her. She

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada nas [III Jornadas Internacionais José Saramago da Universidade de Vigo - Saramago nos 20 Anos do Prémio Nobel: Literatura, Arte e Política](#) (3-5 de dezembro de 2018), tendo sido [gravada pela UVIGO TV](#).

decides to throw herself into the sea in search of a more ethical relationship with those around her, anticipating a criticism of the EU, as well as the clarity that another path, alternative to the inhumanity of capitalism, would be possible.

**Key Words:** Europe, Identity, Sovereignty, European Union, Democracy.

A *Jangada de Pedra* é um romance pós-moderno que pela via do ficcional problematiza a adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Europeia. A narrativa inicia-se com a introdução de um acontecimento insólito. Uma misteriosa fratura geológica nos Pirenéus provoca o deslocamento da Península Ibérica que se vê numa inesperada viagem que põe em evidência as fragilidades dos seus antigos laços com a Europa. A Península acaba por fixar-se algures no Atlântico entre as ex-colónias de África e América Latina, num alinhamento com os países da periferia do capitalismo. O processo de viagem, assim como a nova geografia, deixam subentender a vontade de uma nova ordem mundial e a crítica à então Comunidade Europeia que tem servido os interesses da expansão capitalista e a hegemonia do modelo neoliberal.

A pós-modernidade marca a descrença na veracidade inquestionável da História e rompe com o período de profunda fé historicista dos romances escritos na linha de Walter Scott. Na proposta de Saramago, “o conhecimento do que em cada momento vamos sendo” (História e Ficção 17) entende-se a partir da inversão do ponto de análise habitual. Ao imiscuir o histórico no ficcional, o autor afasta-se da representação mimética da realidade e, numa atitude subversiva, traz luz a uma faceta dos acontecimentos que tinham até então sido desprezados. Estão reunidas as condições para a criação do insólito que, como proposta literária, permite o questionamento vital de renovação da matriz cultural dos povos. É, portanto, a partir do repúdio pela sequência e linearidade dos factos históricos e, pela análise do passado a partir do entendimento que temos do presente, que se cria um ângulo novo questionador das escolhas que têm vindo a ser feitas pelas elites.

A *Jangada de Pedra* é um romance inserido nessa conjuntura estética de recuperação crítica de temas históricos que permite a reformulação dos episódios acontecidos. A obra, que “busca outras dimensões da realidade, mas sem escapar do visível e do concreto” (Chiampi, *O Realismo Maravilhoso* 22) possibilita uma leitura alternativa à retórica política de justificação da adesão de Portugal e Espanha à CEE. Nesse sentido, seguindo a premissa de Saramago de entender o passado histórico a partir da perspetiva do presente, a problematização da cultura e identidade Portuguesa, e consequentes desafios no processo de integração da União Europeia, mereceria hoje necessidade de novo olhar, na medida em que episódios recentes parecem validar as críticas apresentadas pelo autor aquando da publicação do romance.

A antiga CEE, criada em 1957, nasceu como resultado da Guerra Fria num contexto em que dois sistemas políticos e económicos se confrontavam no espaço europeu. Tratou-se de uma organização inicialmente constituída apenas por seis países que usava a denominação de “Europeia”

num uso que tentava criar entre linhas a noção de que os valores de Humanismo, Liberdade e Direitos Humanos eram exclusivos deste pequeno grupo. Conjuntamente apresentou no seu título a palavra *económica* revelando a prioridade dos seus objetivos e a necessidade de fazer face à economia planificada que na época existia no espaço de controlo soviético. Assim, a narrativa oficial da génesis da CEE escondeu uma parte da sua faceta: os seus fundadores estavam, todos eles, desde o início, intimamente ligados com os interesses dos Estados Unidos da América e eram ideologicamente comprometidos com partidos políticos simpatizantes do desmembramento dos aparelhos de estado (Goulão, *Pagadores de Crises* 150).

Em *Pagadores de Crises* (2010), Goulão reescreve a história da génesis da Comunidade Europeia e aponta os factos que nos conduzem ao entendimento das circunstâncias que se vivem hoje na Europa.

Por muito que a génesis da CEE seja idealizada, romanceada e mitificada, o contexto real da sua criação e dos objectivos pretendidos é, prosaicamente, este. Sem qualquer falta de respeito pelos fundadores, por sinal todos eles com ideologias de direita (quando a direita existia), intimamente ligados aos interesses dos estados unidos da América na Europa. Robert Schuman, como ministro dos Negócios Estrangeiros do governo da direita Francesa, foi inspirador da CECA e fundador da NATO; Konrad Adenauer, chanceler alemão oriundo da direita alemã mais direitista, a bávara, assumiu o poder na área sob controlo norte-americano na Alemanha e caracterizou-se na sua carreira política pelo princípio da rejeição de alianças com os social-democratas; Alcide de Gasperi, fundador da Democracia Crista Italiana, instituiu o longo período de governos deste partido - sempre com base na oposição a quaisquer alianças com os comunistas - e está em vias de ser beatificado pelo Vaticano; Jean Monnet passou grande parte da sua vida nos Estados Unidos, trabalhou para o governo nacionalista de Chiang Kai-shek na China, administrou os fundos do Plano Marshall em França e criou o Comité de Acção para os Estados Unidos da Europa, à imagem dos Estados Unidos da América, que dissolveu em 1975 por considerar que os estabelecimento da eleição do Parlamento Europeu por sufrágio directo e universal ia na direcção do objectivo federalista. (151)

As transformações sociais e políticas resultantes do 25 de Abril, em que os partidos políticos mais organizados defendiam programas que previam a construção do poder dos trabalhadores, assim como a coletivização e nacionalização dos principais sectores de desenvolvimento do país, mostravam na época um espírito político incompatível com os interesses do imperialismo e, nesse sentido, contrário ao caminho da integração no mercado comum europeu. O PCP era o partido mais organizado, e de maior influência na época, e ainda que defendesse a pertença na NATO entendia a CEE como bastião capitalista. O *volt face* da mudança de discurso e de preparação para integração acontece a partir das viagens ao estrangeiro de Mário Soares, que dando a entender que o PCP era o

partido mais organizado e preparado para governar, consegue que a geopolítica internacional tema a contaminação comunista a todo o sul da Europa. Com a Rússia mais centrada no sucesso da sua política de *détente*, o Partido Comunista Português perde um apoio essencial, abrindo-se espaço para a formação das consciências no sentido da integração na CEE. Este momento histórico acontece a partir de uma visão dita socialista moderada, construída em torno da ideia de oportunidade para a resolução dos problemas do atraso cultural e o fim da decadência económica provocados pelas décadas de governo ditatorial. Esta argumentação terá contribuído para o fortalecimento da ideia de Portugal como um país corrupto e atrasado que necessitava do resgate da *Europa civilizada*, ao ponto de Bickerton, em *The European Union* (45), obra publicada 30 anos depois da integração, ainda referir que para países como Itália, Grécia, Espanha e Portugal fazer parte da União Europeia representava a alternativa a uma classe política alinhada com esquemas sombrios de interesses privados. Usa como justificação do seu argumento as palavras de Ortega y Gasset, transformadas em slogan, que diziam “Espanha é o problema, Europa a solução”.

Assim sendo, não seria atrevido dizer que o facto de hoje estarmos integrados na UE se justifica, por um lado pela criação de mitos sobre os problemas do país, e por outro, a partir do medo que as elites, incluindo as internacionais, sentiram pela situação política despoletada pelo 25 de Abril. E a este propósito, António Simões do Paço (*Friends in High places* 121) cita David Owen para explicar que “as implicações políticas foram plenamente assumidas; se não fosse assim, ninguém teria sonhado ter Portugal na Comunidade”. No mesmo artigo é ainda citado Ernâni Lopes que afirmava que “do lado português, «queremos aderir» e, do lado comunitário, «lá teremos que os integrar»” (121).

Toda esta lógica é entendida por José Saramago que em entrevista a Carlos Reis refere

A ideia de uma Europa que nos iria levar ao colo e que iria desenvolver todos os nossos problemas – porque foi assim que ela foi apresentada de maneira bastante grosseira até – conduziu a quê? Conduziu-nos ao prolongamento da situação anterior, num quadro diferente. (in Reis, *Diálogos com José Saramago* 147)

Percebemos então que, apesar do abalo da União Soviética, Saramago, ao contrário de outros intelectuais da época, não se reposicionou no espectro político, e também não participou no otimismo da opinião dominante da época quanto à Europa. Referiu-se a este momento histórico como “um grande engano, que é qualquer coisa que nos vai custar muito caro” (in Reis, *Diálogos com José Saramago* 146) e reafirmou ao longo da sua vida opiniões contundentes quanto ao rumo político e ético da União Europeia que acusou de “não passar de ser um império económico” que submetia a

democracia a uma “mentirosa falacia [...] em que governos resultantes de atos eleitorais democráticos, logo se convertiam em meros mandatários do único poder real e efetivo que é o dos grandes grupos económicos e financeiros transnacionais” (Saramago, *Cadernos de Lanzarote V* 143).

Hoje temos dados e experiências mais concretos sobre o que significa a vida na União Europeia depois dos tratados de Maastricht e Lisboa. O resultado é o de um império que se alastra através da economia liberal que proletariza os modos de vida ao mesmo tempo institui uma existência humana de comportamentos uniformes e padronizados. O rompimento de Bretton Woods e a primeira crise petrolífera de (1973-1975) foram os acontecimentos responsáveis pelo dilema da *estagflação* que teve o mérito de fazer cair o mito das *teorias da convergência dos sistemas*, acabando por pôr em evidência a inevitabilidade das crises sistémicas do capitalismo (cf. Nunes, *A crise do Capitalismo*). No entanto, o levantar da máscara face às incoerências do sistema económico parece ter vindo inclusivamente a fortalecê-lo, porque permitiu aos defensores *do pensamento único* o uso das crises como justificação para fenómenos de aprofundamento de desigualdades sociais como as reduções na proteção social, o desemprego em massa ou a precariedade do trabalho. Ante o grande poder financeiro, regido unicamente pelo ímpeto do lucro, a existência humana tem vindo a empobrecer e a perder gradualmente a harmonia da vida amena e da convivência social feliz. Lipovetsky e Serroy descrevem assim a paisagem e a vida humana na era do capitalismo:

A economia liberal arruína os elementos poéticos da vida social; ela traça, em todo o planeta, as mesmas paisagens urbanas frias, monótonas e sem alma, instala por todo o lado as mesmas explorações comerciais, homogeneizando os modelos dos centros comerciais, os loteamentos, as cadeias hoteleiras, as redes de autoestradas, os bairros residenciais, áreas balneares, os aeroportos: de leste a oeste, de norte a sul, temos a sensação de que tudo é igual em todo o lado. (...) Ao construir megalópoles caóticas e asfixiantes, ao pôr em perigo o ecossistema, ao debilitar as sensações, condenando as pessoas a viver como rebanhos estandardizados num mundo de banalidades, o modo de produção capitalista está estigmatizado como barbárie moderna que empobrece o sensível, como ordem económica responsável pela devastação do mundo: “desfigura a Terra inteira”, tornando-a inabitável sob todos os pontos de vista. (*O Capitalismo Estético*, 14)

Portugal confronta-se, neste preciso momento, com transformações superficiais e estereotipadas que buscam responder a necessidades do mercado global a que a classe política chama de recuperação económica. As cidades do Porto e Lisboa expulsam os seus habitantes de sempre para acolherem turistas, em apartamentos agora remodelados, que pretendem vender a imagem de vida autêntica na cidade. Jovens europeus que vivem em condições habitacionais questionáveis,

interrompem a dificuldade de todos os dias, para usufruírem do último requinte arquitetónico de uma casa restaurada com vista para o rio. Esses quatro dias de sol do turista, são o pesadelo de todos os reformados que de um momento para o outro se veem sem teto, sem vizinhos e sem o seu bairro. Por seu lado, o litoral enfrenta os desafios da construção junto à orla marítima, os problemas ambientais e a economia sazonal, enquanto o interior oscila entre o abandono e a reabilitação de aldeias, em que maravilhosos projetos de arquitetura não preveem a reabertura das antigas escolas, das maternidades, dos postos de correios ou antigas delegações dos tribunais. A onda da globalização engole a identidade da Península Ibérica e põe em causa a amenidade da vida que tinha sido conseguida pelo progresso social do pós 25 de Abril.

Um livro como a *Jangada de Pedra* surge então como uma reivindicação da necessidade de defesa da identidade peninsular questionando-se sobre a sua história, seus valores de democracia, soberania, ética e solidariedade. Um território composto de oito línguas, dotado de uma cultura milenar, vê no insólito da fenda geológica a oportunidade de reajustamento para apurar as verdades que justificam a validade de ser parte integrante desta União Europeia.

Assim sendo, que quer a península para si? A resposta chega pela possibilidade ficcional de um pedaço de terra que *não se contentando com o espetáculo do mundo* se permite uma metamorfose, de península em ilha, a partir da vontade de viagem como gênese de transformação. Assim, este território de personalidade complexa, multilingüístico e de ligações culturais a África e América do Sul, cria para si própria a possibilidade de viver para dizer quem é, cumprindo o seu destino trans-ibérico. Atrevendo-se a contrariar o projeto de hegemonia global que embarcou num processo de desumanização, a Ibéria entendeu que o seu caminho não é silenciosamente colado à periferia da Europa num processo crescente de asfixia identitária. No entanto, não há mudança sem riscos:

Que acontecerá quando se interpuser no caminho da península uma fossa abissal, deixando de existir, portanto, uma superfície continua de deslizamento?

Perdendo a península o pé, ou os pés, será o inevitável mergulho, o afundamento, o sufoco, a asfixia, quem diria, após tantos séculos de vida mesquinha, que estávamos fadados para o destino da Atlântida. (Saramago, *A Jangada de Pedra* 138)

Apesar da dúvida quanto ao futuro, há uma perspetiva evolucionaria de progresso e otimismo a partir do movimento espacial da península. O desprendimento dá-se a um nível de profundidade tal, que não deixa margem de dúvida quanto à sua vontade de rutura. Depois, continua em viagem constante sem que os homens lhe adivinhem a lógica, ou a ciência o possa explicar. Segue

os desígnios do inconsciente e navega guiada pelas coordenadas de uma bússola intuitiva, sendo a única segurança, a certeza de que viver de acordo com os sentimentos é o caminho pela qual se recupera a dignidade humana. E, por via da viagem e da aventura de natureza espacial, as relações sociais ganham protagonismo através das cinco pessoas e um cão, personagens de *quotidiano pardo*, que têm agora uma possibilidade de recuperação das suas múltiplas vozes silenciadas, e que estão prontas para lançar as bases de construção de uma democracia real.

Curiosamente, à medida que a península se afasta, por toda a Europa surgem inscrições da frase “somos todos ibéricos”, escrita nas múltiplas línguas que a constituem, incluindo dialetos regionais, diferentes gírias e até Esperanto. Milhares de jovens, contrariamente aos turistas e à classe rica que abandonou Portugal, manifestam o desejo de aderir à coragem da escolha soberana de que a Ibéria foi capaz. Os gestos intempestivos nas ruas, as montras partidas, a vontade de sonhar-se com um destino e expressá-lo por via do ato físico, de forma violenta até, funcionam como um teatro, uma dramaturgia cujos participantes, usando os próprios corpos, representam, numa leitura censória aos seus governos, a possibilidade de uma nova Europa. Portanto, *ser europeu* é o nada, uma categoria vazia, um *não ser* resultado de uma fantasia democrática e união cultural que não chega a realizar-se. Por oposição ao *ser ibérico*, que é tudo.

Em resposta a estes acontecimentos os governos europeus, com receio entram

numa acção de contrafogo [que] consistiu em organizar debates e mesas redondas na televisão, com a principal participação de pessoas que tinham fugido da península quando a rutura se consumou e tornou irreversível, não aqueles que lá tinham estado como turistas e que, coitadas, não tinham ganho para o susto, mas os naturais propriamente ditos, aqueles que, apesar dos apertados laços da tradição e da cultura, da propriedade e do poder, tinham virado as costas ao desvario geológico e escolhido a estabilidade física do continente. (Saramago, *A Jangada de Pedra* 164)

Mas ironicamente, este ímpeto de solidariedade civil juvenil contrasta com os governos eleitos que em princípio são resultado de democracias representativas das vontades dos povos.

Diante dos profundos movimentos sociais e culturais desses países, que vêm na aventura histórica em que os achamos lançada a promessa de um futuro mais feliz e, para tudo dizer em poucas palavras, a esperança de um rejuvenescimento da humanidade. Ora, esses governos, em vez de nos apoiarem, como seria demonstração de elementar humanidade e duma consciência cultural europeia, decidiram tornar-nos em bodes expiatórios das suas dificuldades internas, intimando-nos absurdamente a deter a deriva da península, ainda que, com mais propriedade e respeito pelos factos, lhe devessem ter chamado navegação. (169)

Assim sendo, a Europa divide-se em duas vontades: “há desses europeus, [e] também há europeus destes. A raça dos inquietos, fermento do diabo, não se extingue facilmente, por mais que se afadiguem os áugures em prognósticos” (162). E desta maneira temos uma Europa transgressora, com ânsias de um mundo novo possível, e uma outra conservadora, representante da velha ordem burguesa, paternalista e anti- revolucionária, representada oficialmente pelo governo, e que é precisamente a que sai vencedora desta contenda.

O *slogan* “somos todos ibéricos” é afinal desejo superficial e facilmente manipulado pelas estratégias de comunicação dos governos. Confirma-se então que surgiu como resultado de uma geração de jovens de desejos líquidos e voláteis já engolidos pela maneira de ser da globalização “quase a apagar-se de todo o entusiasmo revolucionário dos jovens, a quem os sensatos pais agora estão dizendo, Vês, meu filho, o perigo em que te ias meter se continuasses naquela teima de seres ibérico, e o rapaz, enfim edificado, responde, Sim, papá” (226).

Mas contrariamente a esta cobardia europeia está a nova vida peninsular, o modelo alternativo por vir. Durante a travessia pelo atlântico e, depois em torno si própria, dar-se-á o processo de metamorfose que será impulsionador da mudança. Ao lançar-se ao mar, a Ibéria cria a sua própria rota até uma nova geografia e, ao mesmo tempo, impõe um movimento que força os povos que a habitam a micro trajetórias. Um universo dentro do outro, em que uma superestrutura impele a um movimento que está na base da criação de um Homem novo ou, usando as palavras do autor, os *homens imaginários* que a península se propôs ir buscar.

Ora reparem, nós aqui vamos andando sobre a península, a península navega sobre o mar, o mar roda com a terra a que pertence, e a terra vai rodando sobre si mesma, e, enquanto roda sobre si mesma, roda também à volta do sol, e o sol também gira sobre si mesmo, e tudo isto junto vai na direcção da tal constelação, então o que eu pergunto, se não somos o extremo menor desta cadeia de movimentos dentro de movimentos, o que eu gostaria de saber é o que é que se move dentro de nós e para onde vai, não, não me refiro a lombrigas, micróbios e bactérias, esses vivos que habitam em nós, falo de outra coisa, duma coisa que se move e que talvez nos move, como se movem e nos movem constelação, galáxia, sistema solar, sol, terra, mar, península. (269)

Desprender-se da sua geografia original exigirá às personagens a mudança que as levará a uma redescoberta da sua identidade. Será, pois, a experiência de risco, talvez mesmo a iminência da morte e do vazio que forçará o processo de humanização nos seus múltiplos sentidos. Portanto, o deslocamento da península e o confronto dos povos com as incertezas que o fenómeno geológico lhes trouxe, resulta na confirmação de que “o que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”

(Saramago in Baltrusch, *O que transforma o mundo* 9-10), pois perante um cenário de crise, os povos têm de criar as soluções e as regras com as quais querem viver. Os homens e mulheres dão-se finalmente conta de que a moral burguesa, na iminência desta catástrofe, não lhes dará as respostas que precisam e, as suas vidas passadas, isentas de experiências que agora lhes possam ser úteis, tampouco são válidas como matriz de futuro.

As pessoas nascem todos os dias, só delas é que depende continuarem a viver o dia de ontem ou começarem de raiz e de berço o dia novo, hoje, Mas há a experiência, tudo quanto viemos aprendendo, lembrou Pedro Orce, Sim, tens razão, disse José Anaiço, mas a vida fazemo-la geralmente como se não tivéssemos nenhuma experiência anterior, ou servimo-nos apenas daquela sua parte que nos permite insistir em erros, alegando explicações e lições da experiência, e agora ocorre-me uma ideia que talvez vos pareça absurda, um contra-senso, que talvez o efeito da experiência seja muito maior no conjunto da sociedade do que em cada um dos seus membros, a sociedade aproveita a experiência de todos, mas nenhuma pessoa quer, sabe ou pode aproveitar por inteiro a sua própria experiência. (261)

É nesse sentido que a quase certeza de morte traz uma liberdade nunca antes sequer imaginada e, por isso, as personagens podem finalmente preencher as suas vidas com significação. O estado de catástrofe abre o regime de exceção que as liberta desse eu solitário de alienação burguesa, abrindo caminho para a experimentação da coletividade nómada. Joana Carda deixa para trás relações familiares opressivas e a aparência da boa moral, Pedro Orce não regressa a uma anunciada velhice solitária, Joaquim Sassa e José Anaiço entregam-se ao amor e não voltam aos empregos. Finalmente Maria Guavaira abandona a terra, numa metáfora do fim do regime de propriedade privada. Uma vez em grupo, as cinco personagens contrariam o desígnio neoliberal de que todos nós somos indivíduos sós perante a sociedade. Afinal não é tão certa essa obrigação de quase perfeito domínio das competências cognitivas e emocionais, em que, perante a falha, o indivíduo apenas se poderá acusar a si próprio. Funcionando como uma microcoletividade, de regras próprias, o grupo e o seu *modus operandi* sugere a alternativa à desumanidade capitalista e dá expressão ao comunismo saramaguiano: um outro mundo, regido pelo amor, pela afetividade e pela partilha do trabalho e dos bens materiais é possível.

O grupo parte numa galera, primeiro da Galiza aos Pirenéus, depois de volta ao sul, em viagem lenta que em tudo contrasta com o mundo de velocidade do leitor do início do século XXI. Fora do circuito das autoestradas, há uma revisitação das paisagens, uma espécie de simbiose mais autêntica com a natureza em que se sente a presença dos elementos naturais: a mudança das estações, as chuvas, o silêncio das casas abandonadas e a relação primária do homem com os animais e a terra.

Nos diálogos entre as personagens, na sua relação com a natureza, nas decisões de grupo, entrecortadas por hesitações e contradições que vão do roubar de um cavalo até ao ocupar de uma casa abandonada, está a dignidade da avó Josefa e do avô Jerónimo Melrinho de José Saramago. Usando uma linguagem proverbial, contando lendas, histórias, e recuperando expressões arcaicas, o autor recria essas noites de verão, descritas nos discursos de Estocolmo, em que adormecia debaixo da figueira, ouvindo as crendices do avô Jerónimo. Este é exemplo máximo do conhecimento da cultura peninsular, numa reinterpretação do passado passível de transfiguração para a modernidade. Não é, portanto, o saudosismo ou o regresso ao antigamente que aqui se propõe. O que Saramago oferece é a alternativa à sociedade neoliberal. Em causa está o questionamento do tipo de transformação que queremos, e o enredo de *A Jangada de Pedra* é uma proposta de futuro com base no que a península tem de melhor e que recusa modelos impostos que trazem o empobrecimento daquilo que somos.

E em transformação estão também as relações amorosas entre homens e mulheres, que se entregam uns aos outros para viver um amor não idealizado que convida a novas experiências. Um grupo constituído por dois casais, um homem mais velho e um cão, têm necessariamente os seus desequilíbrios e Pedro Orce é a personagem solitária que involuntariamente desafia a equidade emocional que existe no grupo. Pressentindo a solidão interior de Orce, Maria Guavaira e Joana Carda têm relações com Pedro Orce desafiando a noção tradicional do amor físico limitado ao casal. Há um conceito de solidariedade de grupo que vence duplamente o conceito patriarcal de família: primeiro porque as mulheres tiveram a coragem de integrar Pedro Orce no círculo da intimidade sexual e, em segundo, porque os homens perdoaram esta transgressão. Joana Carda traça no chão a linha que separa a tradição patriarcal do mundo novo de quem está a aprender a viver fora do convencional, assim como a capacidade de entendimento que outros valores se elevam acima do de homem traído. É desta forma que a península constrói o “paradigma de um novo tempo, no qual homens e mulheres redefinem seus espaços, suas relações afetivas” (Amorim, Nas fissuras da península 117).

Assim, as cinco personagens passam a mover-se por intuição abandonando o princípio da razão. As suas decisões são alicerçadas no inconsciente e na autoconfiança de saberem-se fora da lógica do mundo num tempo em que as certezas ruíram. A visão da morte iminente que não se concretizando permitiu a possibilidade de uma vida renovada num novo modelo social e ético ainda para vir. Por isso, nesta nova sociedade em formação, na procura de uma maneira autêntica de viver,

sente-se o nascer de uma utopia concreta, uma consciência antecipadora de um homem (ou de uma humanidade) que poderia ser outra se as condições o permitissem.

Porém, qualquer um, independentemente das habilitações que tenha, ao menos uma vez na vida fez ou disse coisas muito acima da sua natureza e condição, e se a essas pessoas pudéssemos retirar do quotidiano pardo em que vão perdendo os contornos, ou elas a si próprias por violência se retirassem de malhas e prisões, quantas mais maravilhas seriam capazes de obrar, que pedaços de conhecimento profundo poderiam comunicar, porque cada um de nós sabe infinitamente mais do que julga e cada um dos outros infinitamente mais do que neles aceitamos reconhecer. Cinco pessoas estão aqui por motivos extraordinários, de estranhar seria que não conseguissem dizer algumas coisas um pouco fora do comum. (Saramago, *A Jangada de Pedra* 262)

Na linha do pensamento de Deleuze, que fala dos acontecimentos que estão para vir, (in Negri, *Delenze e Guattari* 118) *A Jangada de Pedra* é a criação de uma nova hipótese revolucionária que inventa territórios sociais e formas ainda não estudadas. A sociedade é incapturável porque acontece fora dos sistemas de representação habituais. Saramago, ao provocar o desprendimento da península, a possibilidade de morte iminente e o colapso da civilização, invoca a possibilidade de um outro mundo que começa por uma sexualidade exuberante e uma gravidez coletiva que resultará num homem novo. E neste sentido, estamos perante um romance otimista porque se fundamenta na crença de que se a humanidade se fez a si própria então também se pode reinventar mais uma vez. Por outras palavras, *se o homem é resultado da sua circunstância, então que se criem circunstâncias humanas*. A Europa pode agora olhar para a vida na Jangada e recriar-se humanamente fazendo cumprir as revoluções passadas. Que não haja dúvidas que ao desprender-se a península estaria na senda de um percurso ético, no caminho certo para a existência feliz. Até porque a única personagem da história a quem foi dada uma real possibilidade de escolha sobre qual dos lados queria ficar, foi ao cão Constante. Ele que foi tão certeiro em conduzir quatro humanos à Galiza, que teve na obra a função de nos permitir questionar a racionalidade humana, no preciso momento em que se deu a fratura, decidiu-se pelo lado ibérico.

## Bibliografia

Alves, João de Deus Vieira. “*A Jangada de Pedra*: intertextualidade e iberismo numa leitura subliminar”, *Nau Literária*, vol. 8, n.º 2, 2012, pp. 1-7.

Amorim, Cláudia. “Nas fissuras da península e do sujeito: *A Jangada de Pedra*, de José Saramago”, *Hipótesis – Revista de Estudos Literários*, 15, 2011, pp. 111-118.

Baltrusch, Burghard. “Nos 30 anos d’A Jangada de Pedra: José Saramago e a atualidade do discurso da “trans-ibericidade”, *Fénix - Revista de História e Estudos Culturais*, nº 2, 2016, pp. 1-23.

Baltrusch, Burghard (ed.). “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia” – Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlim, Frank & Timme, 2014.

Bickerton, Chris. *The European Union: A Citizen’s Guide*. London, Penguin, 2016.

Chiampi, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso. Forma e Ideologia no Romance Hispano-American*. São Paulo, Perpectiva, 1980.

Goulão, José. *Pagadores de Crises*. Porto, Sextante Editora, 2010.

Lipovetsky, Gilles e Serroy, Jean. *O Capitalismo Estético na Era da Globalização*. Lisboa, Edições 70, 2014.

Nunes, António. *Neoliberalismo e Direitos Humanos*. Lisboa: Caminho, 2003.

Nunes, António. *A Crise do Capitalismo: Capitalismo, Neoliberalismo, Globalização*. Lisboa, Página a Página, 2013.

Negri, Antonio. *Delenze e Guattari uma filosofia para o século XXI*. Jefferson Viel (org. e trad.). São Paulo: Politeia, 2019.

Paço, António de Simões. "Friends in High Places...". Raquel Varela (coord.). *Revolução ou Transição História e Memória da Revolução dos Cravos*. Lisboa, Bertrand, pp. 117-138.

Saramago, José. *Cadernos de Lanzarote V*. Lisboa, Caminho, 1998.

Saramago, José. *Jangada de Pedra*. Lisboa, Caminho, 1986.

Saramago, José. *Discursos de Estocolmo*. Lisboa, Caminho, 1999.

Saramago, José. “História e Ficção”, *Jornal de Letras*, nº 400, 6/3/1990, pp. 17-20.

Reis, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa, Caminho, 1998.

**Ana Cláudia Henriques** é licenciada em Português-Francês (via ensino) pela Universidade de Aveiro em 2005, iniciou a sua carreira profissional em Portugal, tendo trabalhado como professora de Português no ensino secundário. Pós-graduou-se em Tecnologias da Informação e da Comunicação pelo Instituto Piaget no Porto e, em Gestão Curricular, pela Universidade de Aveiro. Paralelamente estudou Literatura e Cultura Espanhola também pela Universidade de Aveiro. Mudou-se para os Estados Unidos entre 2012 e 2016, tendo sido responsável pela gestão curricular das disciplinas de Espanhol e Português e, entre 2016 e 2019, foi professora de Espanhol em Londres. Encontra-se no momento a escrever uma tese de mestrado sobre Literatura e Política na obra de José Saramago, pela universidade de Aveiro, e é professora de Português no ensino regular em Portugal.

Correio electrónico: [anaclaudia.cima@gmail.com](mailto:anaclaudia.cima@gmail.com)